

01/03/98
 19/03/98
 19/03/98

Derrubada de árvores provoca o 'incêndio verde'

Floresta queima por baixo, destruindo a biodiversidade, mas a copa permanece verde e ilude o rastreamento dos satélites

Chico Otavio e Vannildo Mendes

Enviados especiais

● BELÉM. De sete a dez mil quilômetros quadrados da floresta amazônica queimam a cada ano sem que os satélites captem. A mata pega fogo por baixo, destruindo a biodiversidade e os bancos de sementes, mas a copa permanece verde, dando a ilusão de que a área está intacta. Isso ocorre porque o corte seletivo de madeira abre fendas na mata, permitindo a penetração dos raios solares até o chão repleto de folhas secas e restos florestais de alta combustão.

As conclusões são do Instituto de Pesquisa Ambiental (Ipam), que realiza um projeto de pesquisa em conjunto com a Universidade Federal do Pará (UFPA), financiado pelo Banco Mundial com recursos do G-7, o grupo dos sete países mais ricos do mundo. Os estudos mostram que, na trilha deixada pelos tratores que retiram madeira, o vento espalha o fogo, a partir das bordas das estradas de arraste de toras, para onde são empurrados os cipós, tocos, folhas e resíduos deixados pela derrubada da árvore.

Fogo é apontado como maior fator de mudança da Amazônia

Esse tipo de queimada não é captado pelo satélite porque a mata fica verde por cima, embora cinza por baixo. A captação do chamado incêndio verde pelas imagens de satélite é dificultada também pelas nuvens na região.

Na Amazônia, são desmatados 15 mil quilômetros quadrados de floresta, em média, por ano. Nas estimativas oficiais mostradas pelo Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (Inpe) não estão incluídas as alterações provocadas pela extração seletiva de madeira e sua relação direta com as queimadas verdes. O Ipam avalia que, para cada dez hectares desmatados, são queimados aproximadamente de cinco a sete hectares.

— O fogo já é o fator mais preocupante de transformação ecológica da Amazônia — disse o biólogo Paulo Moutinho, coordenador do projeto.

O objetivo do estudo, iniciado em 1996, é analisar as causas do aumento dos incêndios a partir de 1994. A área estudada corresponde a um milhão de hectares, englobando 287 propriedades rurais de variados tamanhos, distribuídas em quatro estados (Acre, Mato Grosso, Rondônia e Pará).

Foram feitos levantamentos de campo e analisadas imagens para distinguir três tipos de fogo: o derivado de desmatamento; o rastreado, consequência do corte seletivo, que queima florestas em pé (incêndio verde); e o fogo em pastagens e capoeiras. Áreas já desmatadas ou submetidas a corte seletivo de madeira representam 73% do que está queimando atualmente.

Nas regiões estudadas pelo Ipam, a área total queimada foi de 120 mil hectares. No caso do incêndio verde, 57% da área queimada ocorreu nas grandes propriedades; 34% nas médias e 9% nas pequenas.

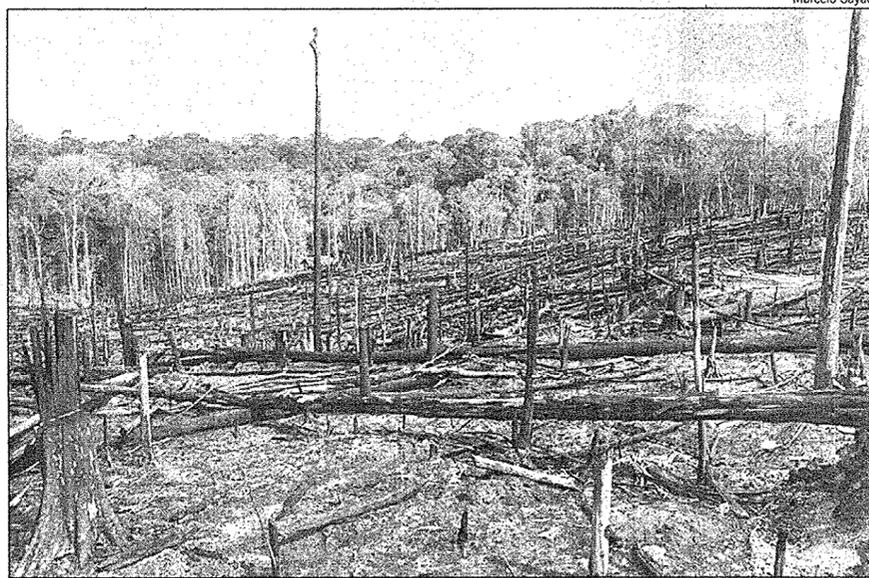
Queimadas alteram a oferta de água e de nutrientes

O impacto do "fogo verde" provoca mudanças radicais na flora e na fauna, a começar pela destruição do banco de sementes. Os ciclos geoquímicos da floresta são afetados, alterando-se a oferta de água e de nutrientes. Espécies vitais para a cadeia alimentar são destruídas. É grande a mortalidade de animais, microorganismos, fungos, bactérias e outros agentes não estudados ou sequer conhecidos pelo homem.

Segundo Moutinho, numa floresta explorada pelo corte seletivo de madeira, três a seis dias de insolação são suficientes para torná-la inflamável, contra 30 a 40 dias numa floresta fechada. A densidade da floresta intocada é uma barreira natural. O primeiro caso em que o fogo avançou sobre uma faixa de floresta virgem, em 30 anos, ocorreu no ano passado. O estrago foi grande por causa da destruição que já havia em volta do trecho fechado, reduzindo as defesas. O incêndio, de mil quilômetros quadrados, o equivalente a cem mil hectares, atingiu o município de Altamira.



O CORTE SELETIVO de madeira abre fendas na mata, permitindo a penetração dos raios solares até o chão repleto de folhas secas e restos de alta combustão



ÁREAS DESMATADAS ou submetidas a corte seletivo de madeira representam 73% do que está queimando atualmente

Na Amazônia Oriental, alvo da exploração intensa das madeiras, de grandes projetos agropecuários, da imigração maciça e de projetos de assentamento realizados pelo Governo, os fragmentos de floresta fechada que restam estão perdendo o poder natural de quebra-fogo e o risco de propagação de incêndios é cada vez maior, conforme o Ipam.

Nas áreas já degradadas ou transformadas pelo abate seletivo de madeira, a extensão dos incêndios também se amplia. Os principais fatores que tornam as florestas amazônicas inflamáveis, conforme o estudo, são a extração seletiva de madeira e a seca. Os períodos de seca severa podem tornar inflamável grande parte das florestas tropicais.

Além dos 600 mil quilômetros quadrados de floresta desmatados até agora na Amazônia brasileira, transformados em pasto, plantações ou capoeiras abandonadas, outros 400 mil quilômetros estão seriamente degradados em consequência do fogo que avança na mata pela trilha deixada pelos tratores de extração das madeiras.

Nos três tipos de fogo analisados pelo Ipam, o derivado de desmatamento direto pelas madeiras representou 16%, enquanto as áreas queimadas acidentalmente representaram 11%. Dos incêndios, 73% ocorreram em propriedades agrícolas e áreas de pastagem (36% foram acidentais e 36% intencionais).

No início deste ano, a queimada destruiu 500 dos quatro mil mil hectares de área de manejo da Madeireira Rosa, em Paragominas. O fogo começou pelo pasto da fazenda do dono da madeireira, o prefeito Sidney Rosa, e alastrou-se rapidamente pela área de manejo. Como o trecho fora explorado de modo predatório (corte repetido de espécies em espaço curto de tempo, sem respeitar o ciclo de recuperação), o fogo reduziu tudo a cinzas e restos de árvores queimadas.

Irrecuperável, a área será limpa e incorporada à pastagem da fazenda para acomodar mais mil cabeças de gado.

— Ninguém sabe como o fogo começou e porque avançou tanto na mata. Isso aqui agora não tem mais jeito, vai virar pasto — disse o gerente da madeireira, o pastor Ricardo Gripp.

O trabalho do Ipam foi desenvolvido originalmente para mapear áreas de ocorrência de fogo acidental em florestas em pé, na região de Paragominas, um grande pólo madeireiro.

Ibama reduz bases e pede apoio ao povo

● O Ibama está mudando a estratégia para conter a extração predatória de madeira no Amazonas. Obrigado a fechar quatro bases no interior por falta de recursos, o superintendente do órgão no Amazonas, Hamilton Casara, anuncia que a fiscalização será concentrada na boca dos grandes rios, por onde passam as madeiras destinadas às serrarias e portos de Manaus e Itacoatiara. Sem gente e estrutura suficientes, o Ibama busca ainda uma aliança com as próprias comunidades para enfrentar a devastação: está transformando caboclos em agentes ambientais.

Com o orçamento em queda há cinco anos, a Superintendência do Amazonas vai manter apenas nove bases no estado, desativando as unidades de Lábria, Boca do Acre, Manicoré e Balbina. A presença permanente dos fiscais na mata será substituída por operações específicas de repressão ao mercado negro da madeira, se possível com o apoio da Polícia Federal e das Forças Armadas.

Quase três anos depois da chegada das empresas asiáticas à região, o Ibama ainda se recupera do susto dos primeiros dias. Casara admite que o órgão, acostumado com a repressão ao pequeno madeireiro, não esperava para tão cedo a chegada dos grandes capitalistas da madeira.

— Estávamos preparados para uma situação doméstica — disse.

Diante das limitações, o Ibama faz sua maior aposta na parceria com as comunidades. A experiência já está em andamento em Tefé e cidades vizinhas, no Médio Solimões, onde 160 moradores já circulam com carteira de agente comunitário no bolso e ajudam os fiscais a enfrentar a pesca predatória. Estímulo e coragem são qualidades fundamentais na rotina desses agentes.

— Já sofri até ameaças de morte de pessoas que não têm consciência e custam a entender o problema da conservação — disse um dos fiscais, o professor rural Firmino Walter Cavalcanti, o Vavá.

Com os recursos do Banco Mundial, o trabalho se estende a Santana do Araguaia (Sul do Pará), Alta Floresta (MT), Ariquemes e Ouro Preto do Oeste (RO) e Rio Branco (AC), abrangendo uma área de um milhão de hectares a partir de 1995 (pico de incêndios na região, conforme dados do Inpe e da Nasa).

Cresce o número de florestas degradadas pelo fogo acidental

O Bird contratou o Ipam para esclarecer se o crescimento de focos detectados pelo satélite decorria de falha atribuída à troca de sensor do satélite que colhia as informações, ou se houve de fato aumento de queimadas. A idéia era medir o peso do fogo como fator de desmatamento.

Surpreendeu particularmente os pesquisadores a grande quantidade de floresta que vem sendo degradada pelo fogo acidental nos últimos anos — 11% do total queimado nas áreas de manejo e 36% nas áreas contíguas às fazendas de pastagem.

— Notamos que grande parte da área queimada acidentalmente teve exploração seletiva de madeira. Essa exploração causa distúrbios no microclima da floresta — observou Anne Alencar, pesquisadora do Ipam. ■

● AMANHÃ: Governo diverge de comissão sobre a melhor forma de conter a devastação.